



HENRIQUE MEIRELLES, DO BC: FORÇA DO CONSUMO EXIGE CAUTELA NA CONDUÇÃO DA POLÍTICA MONETÁRIA

Queda dos juros deve ser maior

14

O mercado financeiro ampliou a projeção de queda da taxa básica de juros (Selic) em 2007, mas reforçou a perspectiva de que, em algum momento deste ano, o Banco Central (BC) fará uma parada estratégica para avaliar melhor a evolução do consumo e da produção industrial. Na pesquisa Focus divulgada ontem, a maior parte dos cem especialistas consultados pelo BC afirmou que a Selic fechará o ano em 11,50% ante os 11,75% indicados há uma semana. Eles prevêem que os juros, de 13% ao ano atualmente, serão reduzidos em 0,25 ponto percentual nas reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom) de março, abril, maio, junho, julho e setembro. No encontro de outubro, a taxa ficará estável em 11,75%, caindo mais 0,25 ponto na reunião de dezembro, a última de 2007.

Para o economista Rodrigo Éboli, da Mellon Global Invest-

ments, o Copom tenderá a ser cada vez mais conservador, diante da "robustez" demonstrada pelo consumo. A força da demanda, por sinal, foi ressaltada na semana passada pelo presidente do BC, Henrique Meirelles, numa resposta aos críticos da cautela com que o Copom vem conduzindo a política monetária. O BC acredita que a economia ainda não sentiu boa parte dos efeitos da queda dos juros iniciada em setembro de 2005. "Em março, teremos um bom indicador da inflação para medir até que ponto o Copom avançará na redução da Selic. Por enquanto, apostamos que a taxa cairá até 11,75%", disse o economista da Mellon.

Peso do dólar

Segundo Luís Otávio de Souza Leal, economista-chefe do Banco ABC Brasil, um dos indicadores que garantem espaço para a continuação do processo de

queda dos juros é o dólar, cujos preços só não ficaram abaixo de R\$ 2 devido às compras maciças realizadas pelo BC e pelo Tesouro Nacional. Com o dólar fraco, as empresas importam matérias-primas e insumos mais baratos, reduzindo os custos de produção. Nos atuais níveis, a moeda americana também incentiva a importação de bens de consumo, aumentando a competição no comércio e contendo eventuais remarcações de preços.

Leal entende, porém, que a reunião de julho do Copom será fundamental para o processo de flexibilização da política monetária. Não sem motivo. A partir daí, qualquer decisão sobre juros terá impacto na inflação de 2008. E o BC tem dado todos os sinais de que está disposto a manter os índices de preços abaixo de 4%, transformando em teto o centro da meta de 4,5% definida pelo governo. (VN)